



Raquel Martins Fernandes | Leyze Grecco | Vanessa Costa Gonçalves Silva  
Maria Geni Pereira Bilio | Rodrigo Ribeiro de Oliveira | Sueli Soares dos Santos Batista  
(Organizadores)

# BULLYING

## CAMINHOS PARA O COMBATE

VOLUME 3



Raquel Martins Fernandes | Leyze Grecco | Vanessa Costa Gonçalves Silva  
Maria Geni Pereira Bilio | Rodrigo Ribeiro de Oliveira | Sueli Soares dos Santos Batista  
(Organizadores)

# BULLYING

## CAMINHOS PARA O COMBATE

VOLUME 3

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Bullying: caminhos para o combate - Volume 3

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Veralucia Guimaraes de Souza  
 Sueli Soares dos Santos Batista  
 Silbene Rosa Paoliello  
**Organizadores:** Raquel Martins Fernandes  
 Leyze Grecco  
 Vanessa Costa Gonçalves Silva  
 Maria Geni Pereira Bilio  
 Rodrigo Ribeiro de Oliveira  
 Sueli Soares dos Santos Batista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
B938	<p>Bullying: caminhos para o combate - Volume 3 / Organizadoras Raquel Martins Fernandes, Leyze Grecco, Vanessa Costa Gonçalves Silva, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Outros organizadores            Maria Geni Pereira Bilio            Rodrigo Ribeiro de Oliveira            Sueli Soares dos Santos Batista</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-258-0878-9            DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.789222511">https://doi.org/10.22533/at.ed.789222511</a></p> <p>1. Assédio. 2. Agressividade (Psicologia). I. Fernandes, Raquel Martins (Organizadora). II. Grecco, Leyze (Organizadora). III. Silva, Vanessa Costa Gonçalves (Organizadora). IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 302.3</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
 Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## PREFÁCIO

### **Bullying: história, pensamento científico e direitos humanos**

Luiz Roberto Alves <sup>1</sup>

Tenho o prazer de escrever este prefácio, sabedor da condição espinhosa do tema e de suas faces às vezes obscuras; por isso a exigir enfrentamento científico, educacional e político.

Postas em dúvida todas as análises culturalistas que alcunharam brasileiros e brasileiras como solidários, cordiais, generosos, compassivos etc., o estudo do **bullying** e seu enquadramento no rol internacional da negação dos direitos humanos fica aberta e promissora. Confusões psicossociais que apontam simples desvios, escorregadas do discurso, infantilidade, gênio extrovertido e gozação, tudo isso deve ser passado a limpo na pós-cordialidade brasileira. Mas nunca sem uma atitude científica, caminho único para a verdade. E mesmo porque Sérgio Buarque de Holanda, analista do brasileiro cordial, nunca escreveu que o cordial é o bom, o amigão, o superlegal.

É necessária a precaução científica. Não se deve considerar a gente deste país, ou boa parte dela, como um grupo da morte sob o tacão de algum Jim Jones ou da generalização do fascismo. Somos, sim, um povo que se revela e se expõe – mais do que antes - na modernidade tecno-científica, pois em boa medida assumimos e incorporamos as tramas e armações do capitalismo comunicacional bafejado de religiosidade falsamente messiânica e certo hedonismo dirigido ao comércio. Serão necessárias gerações de educadores, pais e políticos de alta qualidade para a superação da grande armação. E muita ciência para o direcionamento do grande trabalho. Enquanto a citada armação (para usar um termo trabalhado por Muniz Sodré, UFRJ) submete milhões e talvez bilhões ao jogo das grandes empresas comerciais do mundo cibernético. também comercializa a política, as atitudes violentas, os dados das plataformas, as compras de objetos, as relações de poder e todos os discursos das redes. Destarte, altera os discursos nas relações de proximidade: famílias, amigos, colegas, pares e próximos. As relações de jugo político e comunicacional internacionalmente conduzidas se realizam também na proximidade dos corpos e das falas. O outro se torna coisa, é reificado. Nas páginas da obra prefaciada temos indicações seguras, certamente noutra linguagem, que nos remetem a pensar o tempo presente sem nos esquecermos da nossa história e termos os olhos nos direitos humanos postos em xeque. Noutras palavras, criar outros olhares que não o das coisas, ou da desumanização.

Deste modo, é pouco dizer que a origem do lexema *bullying* (já assumido pela

---

<sup>1</sup> Professor-pesquisador sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Membro da Cátedra Alfredo Bosi para a Educação Básica do Instituto de Estudos Avançados da USP. Professor da Educação Básica em SP por 23 anos. Publicou vários livros que trataram de educação, cultura e comunicação.



Academia Brasileira de Letras) tem a ver com os valentões, pois tem a ver também com os covardes e débeis. Não é inadequado associá-lo à desproporção de poder na relação entre pessoas e à reiteração discursiva e gestual “gratuita”. Mas não é tudo, especialmente se retiramos os autores e autoras de bullying do panorama técnico-científico que domina as relações sociais, comerciais e políticas do planeta. Se ficarmos ao rés do chão em nossa análise iremos bem perto. Entenda-se que a compra de vestidos, bonés e celulares se inscreve em relações desamorosas de poder, de posse, de ganho, de comércio de objetos e de falas. Trata-se de um movimento sociopsicológico que exige ainda muito trabalho e que afundou em nossa alma e, nesse sentido, também está a exigir gerações de muita educação, muito estudo, muito equilíbrio social para se desenraizar dos nossos corpos invadidos. Especialmente são exigidas experiências empíricas e dinâmicas de grupo nas quais se reconheça o outro, a outra por ângulos ainda não vistos (que passam despercebidos de muitos professores e professoras); deste modo, se a instituição educacional é e será indispensável para a experiência da humanização, tem ela muitas vezes contribuído, por ignorância, medo ou omissão, à consecução da desumanidade.

Cabe à ciência explicar, esclarecer, demonstrar fenômenos. E aqui está o valor destes livros eletrônicos organizados por colegas de instituições educacionais públicas do Brasil. A eles e elas meu pleito de gratidão e de estímulo pelo que estão a fazer. Os e as colegas oferecem algum diapasão científico para o grande trabalho que avançará no desenraizamento dos frutos daninhos de tecnologias que se afastaram da ciência e, por consequência, ganharam consistência na anomia, na inércia e na imoralidade de instituições públicas, seus governos e mesmo dos próprios Estados e seu arcabouço de legalidade “prá inglês ver”. A rigor, tais autoridades públicas desarmaram os valores da cultura, da ética, da decência pública e fincaram pés em relações sociais que promovem a desconfiança, o primado da posse, o desvalor da dúvida e da curiosidade (base da ciência) e, de resto, estimularam o ato de ganhar, de vencer a qualquer custo. Uma criança escolar educada pela boa ciência realizada em linguagem comunicacional não debochará do “diferente”, seja pela cor, por sinal de enfermidade, pela altura ou sinais de nascença. A nova biologia e a nova química dão as mãos à ética e à estética; destarte, são capazes da melhor educação em mãos de professores e professoras capacitadas.

Cabe destacar no presente livro eletrônico que colegas e estudantes das instituições públicas do Brasil já laboram no campo da prática. Sua ação vai dos grupos de pesquisa a atividades comunitárias competentes para superar violências e indicar modos e processos inovadores para a superação de males sociais e comunitários, entre os quais o bullying se insere. Cabe, pois, alguma revolução na compreensão dos currículos de estudos e experiências escolares, que jamais poderiam ser vistos como um alinhamento de “conteúdos” e “disciplinas”. Currículo é um processo de tomada de decisões da instituição escolar que leve à harmonia da gestão, da orientação educacional, do trabalho em sala de

aula e das experiências externas em ciências da natureza, ciências humanas e sociais, matemática, arte, linguagem. Evidentemente, todas as ciências e as artes relacionadas, transversalizadas.

Cabe, de todo modo, para manter o pensamento científico deste prefácio-reflexão, que também é o dos colegas-escritores desta obra, levantarmos a hipótese de que o bullying sempre existiu, ou há muito tempo. Sim, mas o messianismo e o sebastianismo também são velhíssimos e o liberalismo capitalista tem quase dois séculos nas terras do Brasil. E cada povo precisa dar respostas aos males da intimidação, da violência segundo sua inteligência, isto é, com um olho no mundo e outro na concretude de sua realidade.

Nossos males têm história. Essas marcas apontadas acima foram atualizadas na história contemporânea. E as modernidades brasileiras também. Este país meteu-se a moderno (e fez milhares de discursos de modernidade) desde 1808 com a chegada do Rei fugido de Napoleão. Tudo se modernizou, mas para poucas e privilegiadas pessoas. As massas humanas foram postas à margem e no meio delas toda sorte de cizânia, mentira, desinformação. Por exemplo, o simbólico século XIX. Educação democrática proclamada aos quatro ventos, mas negada. E na suposta Proclamação da República o povo ficou intrigado com as cavalarias e as brigadas armadas, pois nada sabia do que estava a acontecer. Seria um desfile ou uma revolução?

Tudo um jogo de poder, desinformação, blague, apagamento de memórias. Um povo roubado, ora invisível, ora massa de manobra. Assim continuamos a fazer modernidades, quer em 1937, 1955 e mesmo 1985. Sempre defeituosas. Tratou-se de mudar bastante para deixar do mesmo modo de antes. Dentro desse horror histórico teriam de nascer os “jeitinhos brasileiros”, face amena e caricaturesca dos grandes males da do mandonismo na história do país. Quando Oswald de Andrade mostra em seu Manifesto Antropófago, 1928, que a Proclamação da República ainda estava por ser feita, ele interpretava uma voz entupida na garganta das gentes da terra. Essa gente sofreu inúmeros bullyings, perfeitamente dentro da definição: relações de poder desproporcionais e açulamento de atitudes repetitivas, mentirosas e desairosas.

Para não assumir uma postura do fado e do destino, isto é, tudo sempre existiu, e para escapar da autoajuda, ou seja, tudo tem a ver com relações pessoais, cabe dispor o importante tema do bullying nos estudos históricos, nas práticas analisadas pela sociologia, nos debates políticos desde o império, nas violências perpetradas contra negros, indígenas, ciganos, pobres, migrantes, certos grupos de imigrantes e periféricos às cidades. Os brancos valentões não tiveram qualquer dó e muito menos solidariedade diante desses povos. Temos longa história do deboche, da intimidação, da negação do outro e da outra, dos diferentes. Nossas elites foram cruéis e ensinaram crueldade.

São todas essas marcas que se espalham nos atos desamorosos, nada cordiais, violentos, especialmente quando a cor branca, a cor da posse e do poder, dispõe no meio

do caminho seu diferencial, seu valor instituído desde a Colônia. É admissível que brancos sofram bullying, pois as classes também lutam no terreno das relações pessoais e sociais, mas sem um painel histórico do seu papel superior a análise ficará prejudicada.

A obra aqui disposta vê tal violência contra o outro, a outra, por falas e gestos, sob distintos ângulos: a legislação, a historicidade do conceito, os dados plurais disponíveis, a política dos direitos humanos, a cultura da paz, a condição da juventude. Tal interdisciplinaridade analítica é e será sempre indispensável, pois as ações das gerações também serão representadas pela multiplicidade de pessoas e de abordagens. Que se realize o trabalho científico, educacional e político sempre por via da pluralidade, embora nunca pelo caos ou pelo vale-tudo. De fato, um dos caminhos mais deletérios da relação social é o do vale-tudo, pois nele a ética permanece moribunda. No vale-tudo nada vale. O bullying também é da natureza do vale-nada e da ignorância de qualquer ato ético.

Do mesmo modo como as gentes brasileiras conforme aqui listadas foram objeto do vale-tudo do poder discricionário, o bullying contemporâneo se realiza sob a força das tramas “modernosas” das tecnologias a serviço do vale-tudo. Em boa medida, permanecemos às margens dos direitos humanos fundamentais.

Por via da cultura, da estética, da ética, da ciência, da educação e da política teremos de pensar o todo e as partes, melhor, a totalidade onde nos cabe agir. São necessários, pois, e com urgência, os melhores métodos de pesquisa, o estímulo ético, a força das culturas populares (como propunha Celso Furtado) e o melhor do nosso amor e do nosso respeito à diversidade cultural para que demos avanços significativos para superar esse painel de reiteradas violências. Se suas origens estão na história, esta é (como repetiu inúmeras vezes Paulo Freire) *possibilidade*. Faremos a possibilidade. O bullying não é intrínseco ao nosso nascimento como ser da vida no mundo. Não terá de nos dominar.

Portanto, às leituras e trabalhos, sob a âncora da ciência e dos direitos humanos.

## APRESENTAÇÃO

O Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) *campus* Cuiabá Bela Vista (GPHSC - IFMT), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2008, apresenta seu terceiro volume da coletânea *Bullying: caminhos para o combate*. Os pesquisadores do grupo vêm desenvolvendo suas pesquisas sobre a temática *Bullying e Violação de Direitos Humanos* desde 2016.

Foi publicado, em 2020, um conjunto de artigos no formato e-book intitulada *Bullying: Caminhos Para o Combate*, trazendo conceitos básicos sobre a temática e resultados de pesquisa; e inaugurando o primeiro volume do GPHSC-IFMT sobre a temática. No e-book 1, foi salientado que nem toda violência escolar é considerada *bullying*, porém, todo *bullying* é uma forma de violência. O *bullying* se diferencia por suas características peculiares, por sua repetição, intencionalidade, por não ter motivação aparente e por haver promover um desequilíbrio de poder entre os pares, pois, normalmente, a vítima não tem condições para se defender. Além da conceituação geral do fenômeno e das formas de ações de combate e prevenção, o e-book 1 traz também os resultados das pesquisas realizadas pelo GPHSC - IFMT em diversas escolas das redes estadual e federal.

Em 2021, o e-book 2, *Bullying: caminhos para o combate*, apresentou uma proposta interdisciplinar, ao considerar os diversos saberes que se unem para construir discussões socioculturais sobre a incidência do *bullying* em diversos locais do estado de Mato Grosso, e também em Minas Gerais e na Paraíba, locais onde a pesquisa do GPHSC - IFMT se desenvolveu e fomentou reflexões para enfrentamento às situações de violações de direitos humanos no contexto escolar, pautadas na perspectiva do protagonismo juvenil. O e-book 2 foi dividido em duas partes, na segunda parte apresenta a relação do fenômeno *bullying* com as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) e o conseqüente *cyberbullying* e as formas de combatê-lo.

As edições anteriores dos e-books do GPHSC - IFMT apresentam os resultados da pesquisa em andamento desde 2016, como título: “Violação dos Direitos Humanos e *Bullying* no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 60165016.0.0000.5165). O grupo de pesquisadores compreende a importância de divulgar os resultados desta pesquisa à toda comunidade escolar e, também, a necessidade de ações para o combate e amenização do problema que atinge nossas escolas. Neste sentido, o GPHSC - IFMT desenvolveu, a partir de 2019, o aplicativo para celular - App Viva Feliz, *bullying* não, que combate ao *bullying* visando conscientizar e ajudar pessoas, e foi uma sugestão e construção dos estudantes participantes da pesquisa.

Frente ao desafio de desmistificar os caminhos para o combate ao *bullying*, essa coletânea *Bullying: caminhos para o combate* apresenta os anseios de diversos pesquisadores em colaborar para a formação de uma educação pautada na garantia dos direitos humanos na perspectiva de formar uma escola mais humanizada, potencializadora da diversidade de cada um em um ambiente de cultura de paz.

Na presente publicação, discute-se o tema sob o viés propositivo de combate ao *bullying*, com discussões e relatos de experiências que objetivam fomentar a aplicação, em instituições educacionais, de programas de cultura de paz. Este e-book é um dos resultados esperados na pesquisa realizada no projeto “*Bullying e Direitos Humanos nas escolas municipais, estaduais e federais*” que recebeu fomento pelo Edital n.º 45/2019 do Programa de Pesquisa Aplicada e Bolsas de Iniciação Científica, Livre Concorrência, do IFMT. Propor os diálogos sobre a temática *bullying* e violência escolar pode promover a formação de estudantes para que não naturalizem ou banalizem os atos de violências e desrespeitos. Frente a esses desafios é que se propõe trazer diálogos e reflexões acerca deste objeto de estudo. Neste e-book, apresentamos várias ações desenvolvidas pelo GPHSC-IFMT, dentre elas o App e atividades de ensino-pesquisa e extensão.

Consideramos ser necessária a prevenção e não apenas a intervenção. Logo, a Lei n.º 13.663/2018, que tem como princípio a promoção da cultura de paz nas escolas e a obrigatoriedade de medidas preventivas e de sensibilização referente a diversos tipos de violência, inclusive o *bullying*, nos leva a buscar estratégias para influenciar os gestores e demais educadores a pensar em propostas, projetos e programas de combate à violência escolar.

Agradecemos à estudante do Ensino Médio: Millena do Prado Vitoriano de Deus por gentilmente ter cedido a ilustração para capa do presente e-book, ilustração elaborada para a divulgação do Festival de Vídeo Curta-Metragem do IFMT *campus* Cuiabá Bela Vista - VCURTABLV, cujo tema foi *Bullying: caminhos para o combate*. Ilustração que também é utilizada em nossas redes sociais e App.

Desejamos uma boa leitura!

Encontramo-nos à disposição para demais interlocuções em diferentes níveis de ensino, pesquisa e extensão.

Líderes e demais integrantes do GPHSC - IFMT  
Redes Sociais: *Instagram @vivafelizbullyingnao\_*  
Página no Facebook: *GPHSC - IFMT Bela Vista*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>2</b>
<b>VIOLÊNCIA ESCOLAR</b>	
Degmar Francisca dos Anjos Washington da Silva Carvalho	
doi <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225111">https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225111</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
<b>DIREITOS HUMANOS E BULLYING: O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO E A UNESCO</b>	
Leyze Grecco Maria Geni Pereira Bilio Rodrigo Ribeiro de Oliveira	
doi <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225112">https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225112</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>19</b>
<b>JUVENTUDES: POR UM PROTAGONISMO JUVENIL NA CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA</b>	
Sueli Soares dos Santos Batista Rodrigo Ribeiro de Oliveira	
doi <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225113">https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225113</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>29</b>
<b>CULTURA DE PAZ: RELATO DAS EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES</b>	
Vanessa Costa Gonçalves Silva Carla Silbene Oliveira de Paula Schneiders Raquel Martins Fernandes Paulo Alves de Oliveira Ramon Martins Fernandes	
doi <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225114">https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225114</a>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES</b> .....	<b>60</b>

# INTRODUÇÃO

Este e-book é uma proposta do GPHSC - IFMT de continuidade das edições anteriores, no entanto, o objetivo deste texto específico é levar ao leitor, seja educador, estudante, família ou alguém que componha o coletivo, que lute pelo fim da violência escolar, que reflita sobre a situação que vivenciamos e que ainda pense em propostas conjuntas de como desenvolver uma cultura de paz. O e-book 3 está dividido em quatro capítulos:

O **primeiro capítulo**, intitulado *Violência Escolar*, apresenta resultados parciais de pesquisas realizadas entre dezembro de 2008 a agosto de 2020 com textos do gênero “notícia” de acesso livre e gratuito vinculados aos Institutos Federais - IF's, onde a violência aparece estampada nos jornais e/ou nos discursos locais.

Para compreender melhor a dinâmica escolar quanto a esse tema, discorreremos no capítulo seguinte sobre os Direitos Humanos. O **segundo capítulo** recebeu o título de *Direitos Humanos e Bullying*: o que diz a legislação e a UNESCO. Este capítulo destaca o *bullying* que se classifica como um tipo de violência que atinge a pessoa tanto de forma física como psicológica. O objetivo do capítulo é contribuir para despertar nas pessoas a vontade de conhecer seus direitos como ser humano e usufruir dos mesmos.

O próximo capítulo trata da questão do jovem portador de direitos e deveres sociais. O **terceiro capítulo intitulado** *Juventudes*: por um protagonismo juvenil na construção pedagógica, retrata o panorama das metas do Plano Nacional da Educação 2014-2024 que faz referências à universalização do Ensino Médio, à educação profissional nas modalidades da Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada à Educação Profissional que se articula com o capítulo a seguir composto pelos relatos de experiências do IFMT referente aos Direitos Humanos.

*Cultura da Paz*: relato das experiências e reflexões é o título do quarto e último capítulo, o qual traz um panorama dos últimos seis anos em que o GPHSC - IFMT vem estabelecendo o tripé entre as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão a partir de demandas localizadas no IFMT, em outras escolas e localidades do Brasil, em relação aos Direitos Humanos e à violência escolar. As experiências realizadas são apresentadas como uma forma de sugestão, reflexão e debate sobre as possibilidades de pensar o problema da violência escolar a partir do protagonismo jovem.

## JUVENTUDES: POR UM PROTAGONISMO JUVENIL NA CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA

### **Sueli Soares dos Santos Batista**

Centro Estadual de Educação Tecnológica  
Paula Souza  
<http://lattes.cnpq.br/5662623397801990>  
<http://orcid.org/0000-0001-8126-9615>

### **Rodrigo Ribeiro de Oliveira**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia de São Paulo  
<http://lattes.cnpq.br/9456573255125999>  
Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1006-6500>

As metas do Plano Nacional da Educação 2014-2024 fazem referências à universalização do ensino médio, à educação profissional nas modalidades EJA integrada à EP (com proposta de oferta de no mínimo 25% das matrículas), à Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), (com proposta de se triplicar as matrículas dessa modalidade e expansão de 50% do segmento público) e à Educação Superior (em que também se insere a graduação tecnológica, com previsão de aumento de 50% da taxa de matrícula e expansão de 40% da taxa de novas matrículas no setor público dessa formação)<sup>1</sup>.

São necessárias amplas e renovadas estratégias para que essas metas sejam

alcançadas. Buscar elevar a taxa de matrícula requer, antes de tudo, que se verifique metodologias de fomento da formação na educação básica com vistas à continuidade das trajetórias formativas e a inserção futura desses educandos no mundo do trabalho decente, condição essencial para garantia de obtenção de qualidade de vida, realização de plenitude sociocultural e econômica. Elevar a taxa de matrícula é tarefa não dissociada da permanência desses jovens nos bancos escolares.

O atraso escolar e a evasão, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, impedem que jovens deem continuidade em seus estudos, contribuindo com a sua inserção precoce em condições precárias de trabalho, renda e, ainda, de instável e deplorável *status* social.

Um jovem que na sua trajetória escolar não vê perspectivas em dar continuidade ao nível médio, conseqüentemente, não terá condições de concluir essa etapa da educação básica, nem de ingressar em um curso de formação profissional (que pode ser feito durante ou após o cumprimento desse nível escolar). Não estar trabalhando e nem estudando elimina ainda mais todas as possibilidades desses jovens de fazerem planos futuros, o que os deixam sob as estatísticas do desemprego, à mercê de um

<sup>1</sup> Esse capítulo se insere também nos estudos que os autores desenvolvem como pós-doutorandos no CCA/ECA-USP sob a supervisão do Prof. Dr. Luiz Roberto Alves. Trata-se de pesquisa sobre as relações entre juventude, educação, trabalho e cultura.



subemprego ou perante um quadro de total instabilidade profissional e de inacessibilidade às novas tecnologias e ferramentas de trabalho.

Para além dos normativos criados pelas políticas públicas que geram avaliações que resultam em mais normatizações e ações interventivas sobre a juventude estudante e/ou trabalhadora, ou nem estudante nem trabalhadora há que se compreender as juventudes.

A multiplicidade de condições juvenis nos impede a utilização da categoria *juventude no singular*. Por isso, nos limites deste estudo, optamos por usar o termo *juventudes*, não só pela amplitude territorial que esse projeto visa abarcar, mas pela multidimensionalidade das condições juvenis reveladora de fluxos e trajetórias as mais diversas em âmbitos e temporalidades nos quais se entrecruzam e se distanciam as experiências de escolarização, profissionalização e inserção sociocultural.

Conforme destacado por Abramovich, Andrade e Esteves (2004), a realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude. O conceito de juventude implica, para esses autores, no reconhecimento de diferentes grupos juvenis. que constituem:

[...] um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.(p. 21).

Assim, nos cabe questionar: que alternativas são possíveis quanto às diferentes concepções e práticas educativas tendo como centro as especificidades das culturas e experiências juvenis na sua multiplicidade? Singularidades e identidades juvenis são campos de estudos históricos e sociológicos que podem contribuir para dar contorno às potencialidades de ação dos jovens nos diferentes contextos em que se formam e se inserem.

Oliveira e Marques (2016), ao analisarem as políticas para juventude no Brasil, mesmo considerando a década de 1990, em que houve algum avanço, concluem que há uma representação social da juventude associada a problemas passíveis de controle de suas condutas. As diversas campanhas de conscientização e prevenção nem sempre resultam no que se espera quanto ao convívio social. Há elementos que não podem ser dispensados na construção de itinerários formativos, apesar de serem quase sempre negligenciados em se tratando de educação básica. Trata-se de considerar a atual imersão dos estudantes no universo das TDICs frente ao engajamento dos adolescentes e jovens que partem de uma necessidade de identificação, bem característica da fase de construção de identidade.

Partindo desse aspecto, as propostas exitosas desenvolvidas nas escolas e comunidades têm como característica a autonomia e a construção conjunta de propostas.

Como ter um planejamento pedagógico para o inesperado? Como planejar de modo autônomo e participativo um projeto pedagógico de cultura de paz? Sem conhecer essas juventudes que se constroem na escola e fora dela essa tarefa não se torna exequível.

É evidente que o combate exitoso ao *bullying* é capaz de melhorar os indicadores de permanência e aproveitamento escolar dos jovens. Mas isso não se faz sem um conhecimento atento da realidade desses jovens fora e dentro da escola. Uma educação emancipadora é aquela capaz de promover espaços e tempos de conhecimento, expressão e reconhecimento da diferença. Uma escola eficiente no combate exitoso ao *bullying* é aquela em que o diferente não precisa ter medo. A escola que se atém ao adestramento é em si um recurso violento que ressalta o caráter adaptativo da cultura, ao deixar de lado a sua potencialidade emancipadora.

Michel Foucault (1987), ao analisar os detalhes das relações de poder nas sociedades disciplinares, identificou os recursos para o bom adestramento. O poder disciplinar se estabelece assim a partir do que Foucault chama de instrumento simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame.

Trazendo reflexões para o universo escolar em que as diferenças pululam, esses instrumentos simples nos parecem, à primeira vista, apenas ferramentas educativas centralizadoras e hierárquicas. O problema é que um ambiente escolar que busca fabricar indivíduos, a partir de estratégias de uniformização, produz e reforça subjetividades que se articulam a esse todo uniformizador e adaptativo. Ou seja, é possível engajar os jovens na construção cotidiana do olhar hierárquico, a sanção normalizadora e do exame que coloca todos contra todos. Nesse ambiente aquele que não se enquadra no quadriculamento organizado pelo poder disciplinar está fadado ao sofrimento e à exclusão.

Pode-se afirmar que Foucault apontava para os mecanismos da microfísica do poder nas sociedades disciplinares que já estariam superadas pelas sociedades de controle marcadas pela crise e pela fluidez das instituições, dos tempos e dos espaços de produção de conhecimento e de poder. O *cyberbullying* nos mostra que não houve superação, mas sofisticação e pulverização da execução pública em suas múltiplas formas.

Se a escola ainda é espaço em que espetáculos de violência se sucedem, é necessário pensar o lugar que a diferença lá ocupa. As crianças e os jovens são plurais. Precisam assim ser reconhecidos e precisam se reconhecer dentro dessa diversidade enquanto distintos e dignos. A experiência estética é um espaço privilegiado em que a diferença se expressa e, por isso, de alguma forma, se liberta explicitando o que comumente é silenciado. A partir de três obras de arte, abordaremos a seguir como entendemos que no espaço escolar é possível construir espaços em que as diferenças não sejam excrescências.

## 1 | OUTRAS PESSOAS PENSAM

A gestão escolar e o exercício da docência podem e devem dar um passo na reflexão do seu papel, não só para diagnosticar e combater a violência, mas para analisar o quanto suas ações podem ser sinais que indicam o caminho da não-violência, da aceitação e da auto aceitação. Somos diferentes, sim, e as “outras pessoas pensam” como pôde afirmar o artista chileno, Alfredo Jaar, em um dos seus trabalhos. Sua obra, de 2012 composta de caixa de luz com diapositivo e material impresso preto e branco apenas, afirma que “outras pessoas pensam”. Isso significa reconhecer que os “outros”, ou seja, os que nos colocam com veemência a experiência da alteridade, são tão humanos quanto nós: pensam. Isso é importante porque a capacidade de pensar na cultura ocidental foi associada diretamente à existência. Se outras pessoas pensam também existem, resistem e merecem coexistir (Figura 1).



Figura 1 - Obra de Alfredo Jaar

Fonte: Sesc São Paulo/ Pompéia (2021).

As juventudes se expressam em sua multiplicidade de diferentes formas. Essas expressões distintas nascem de formas distintas de pensar. Reconhecer o que as outras pessoas pensam significa afirmar que pensam de formas diferentes. Sem a convicção

dessa realidade fundamental, o protagonismo juvenil sob o olhar hierárquico será contido e sob a sanção normalizadora será considerado indisciplinado e submetido a dispositivos institucionais capazes não só de punir líderes, mas também de coibir possíveis novas lideranças.

Do ponto de vista da gestão, lugar do pensamento e da ação estratégicas da instituição escolar, há que se garantir a construção coletiva da convicção de que outras pessoas pensam, ou seja, toda comunidade escolar em sua intensa diversidade pensa. O que pensam essas outras pessoas? O que pensa a juventude desta instituição que é lócus da gestão escolar? O que pensam essas juventudes, afinal? Esses questionamentos não devem mobilizar somente enquetes e caixas de sugestões, mas um posicionamento político em direção ao reconhecimento do outro como ser pensante.

## 2 | VOZES DISSONANTES

A atriz, dramaturga e diretora teatral, Denise Stoklos, a partir dos anos 2000, desenvolveu e apresenta um espetáculo que se chama “Vozes Dissonantes”. Esse espetáculo, dentro da sua proposta de Teatro Essencial, resgata pensamentos de personagens da história do Brasil que foram capazes de expressar outras possibilidades quase sempre silenciadas. O espetáculo não se refere à história oficial, ao senso comum, ao bom senso e ao consenso. Ao contrário, como diz o título do espetáculo, são vozes dissonantes que ainda podem ser ouvidas porque se referem a futuros pausados, a sonhos esquecidos, às alternativas ignoradas. Falando sobre a importância do resgate dessas dissonâncias (que vão de Padre Antonio Vieira a Milton Santos) promovido por seu espetáculo em forma de monólogo, Denise Stoklos afirma que pulsa nelas, nas dissonâncias, outro país que não este:

Um país mais livre, mais humanitário. Eles prepararam revoluções em favor dos menos protegidos, do povo brasileiro. E todos continuam com suas mensagens altamente atualizadas, que nos livram do derrotismo, do negativismo (STOCKLOS, 2021).

Embora inscritas num monólogo, as vozes dissonantes do passado destacadas por Denise Stoklos são colocadas em diálogo com o mundo contemporâneo (Figura 2).



Figura 2 - Denise Stoklos apresentando um monólogo

Fonte: O Tempo (2021).

O objetivo é estabelecer um diálogo para o futuro provocando novas dissonâncias e, por isso, alguma esperança de um país mais livre e humanitário. Como o diálogo tem sido construído e defendido no espaço escolar no sentido de contribuir para a liberdade e a humanização, para a multiplicidade e acolhimento da diversidade que aqui aparece como dissonância?

O filósofo francês Grégoire Chamayou em seu livro *A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário*, publicado em português pela primeira vez em 2020, dedica um item especial ao que ele designa como “a produção da dialogia dominante”. Trata-se de um fenômeno ligado ao marketing e à administração de uma forma geral de criar consensos intersubjetivos. Um pós-modernismo de bom tom, esvaziado de verdades totalizantes, de lugares de fala unívocos mas que Chamayou indica como diferentes maneiras de coibir o diálogo ainda que ainda buscando a sua defesa. Como isso se dá?

A defesa do diálogo aparece no mundo contemporâneo em diferentes espaços institucionais em que algumas estratégias de silenciamento se tornam comuns. O diálogo passa a ter, por exemplo, a função de informação abrindo canais de comunicação com os grupos contrários para que a equipe gestora fique bem informada sobre possíveis dissonâncias e gargalos no cumprimento de metas pré-estabelecidas.

O diálogo surge, então, como uma forma de dar um verniz democrático e inclusivo a estratégias de gestão de crises, antecipando e dando encaminhamentos às críticas e dissonâncias. A defesa do diálogo como ferramenta de gestão das crises institucionais na elaboração e implementação de programas e projetos dá espaço para a escuta das vozes dissonantes? Essas vozes dissonantes podem propor novos encaminhamentos para a elaboração e implementação de programas e projetos. Podem inclusive propor outros programas e projetos.

Denise Stocklos, em seu espetáculo, “Vozes Dissonantes”, aponta para o poder da poesia na construção de saídas e respostas. Outras pessoas pensam, falam e também poetizam. Mas essas múltiplas e comumente dissonantes falas são ouvidas ou só são consideradas quando úteis para o consenso ou como diz Chamayou, para a dialogia dominante? Essas vozes dissonantes são ouvidas mesmo que tragam outras linguagens em forma de poesia, de música, de dança, de arte, enfim?

A violência que aqui apontamos como a recusa do outro na sua capacidade de ser pensante, falante e criador de possibilidades totalmente outras e dissonantes é também a recusa de si mesmo, é a negação das potencialidades individuais e intrínsecas ao humano. É o que conclui Rubem Alves, em seu texto, “A Escutatória”:

Ouçamos o humano que habita em cada um de nós e clama pela nossa humanidade, pela nossa solidariedade, que teima em nos falar e nos fazer ver o outro que dá sentido e é a razão do nosso existir, sem o qual não somos e jamais seremos humanos na expressão da palavra.

Apela-se aqui para o esforço designado por Rubem Alves de escutatória. Para ele, “a nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade”. Digamos que seja também o combustível para a violência que se impõe cotidianamente àquele que por ser dissonante (de corpo e alma) recebe a palmatória do silenciamento, do apagamento, da exclusão e da execução pública.

### 3 | POESIA E O PROTAGONISMO JUVENIL DENTRO E FORA DA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DO SLAM

Mel Duarte, poetiza e ativista cultural por meio do Slam, afirma em um dos seus recitais:

*É, você, mulher negra  
Cujo tratamento majestade é digno  
Livre, que arma seus crespos contra o sistema  
Livre pra andar na rua sem sofrer violência  
E que se preciso, for levanta a arma, mas antes  
Antes luta com poema  
E não desiste, negra, não desiste  
Ainda que tentem lhe oprimir  
E acredite, eles não vão parar tão cedo  
Quanto mais você se omitir  
Eles vão continuar a nossa história escrevendo  
Quando olhar para suas irmãs*

*Veja que todas somos o início  
Mulheres negras, desde os primórdios  
Desde os princípios  
África mãe de todos  
Repare nos teus traços, indícios  
É no teu colo onde tudo principia  
Somos as herdeiras da mudança de um novo  
ciclo  
E é por isso que eu digo  
Que não desisto  
Que não desisto  
Que não desisto*

Onde nasceu Mel Duarte? Certamente dessa cena histórica no qual estamos

todos inseridos e que somos capazes de transformar por meio do encontro virtuoso entre educação e cultura. Forjada na ancestralidade negra, na “África mãe de todos” como mesmo diz, Mel Duarte fala do seu lugar de dor e de exclusão que não é individual. Fala de um coletivo que precisa escrever a sua história, construir sua auto-estima. Não desistir é o início e a finalidade de todo o esforço.

Mel Duarte evoca a existência de uma mulher negra que seja “livre pra andar na rua sem sofrer violência”. Digamos também ser livre para estar na escola sem sofrer violência. Sua voz se destaca em meio ao vozerio da multidão nas praças, nas ruas, nas estações de metrô, chamando a atenção dos jovens transeuntes vindos de múltiplos lugares mas igualmente condenados à não escolarização e à não profissionalização. É o Slam que aparece congregando poetas de rua. Por que o Slam, surgido como uma batalha de poesias em espaços públicos, não teve sua origem nas escolas? Os jovens nas suas multiplicidades e nas suas capacidades estéticas e políticas não poderiam usar o espaço da escola para se manifestarem?

Freitas (2020) em seus estudos sistematiza algumas informações sobre o Slam, trazendo-nos uma útil caracterização:

[...] a poesia deixa o ambiente acadêmico, abandona os circuitos tradicionais de curadoria e produção de sentido, flerta com a canção popular e torna-se uma prática coletiva e, como tal, se estabelece no limite entre o oral, o escrito e o visual, fazendo da performance um elemento central. O significado dos poemas se constitui tanto através da narrativa em primeira pessoa sobre a experiência do/a slammer (narrativa que ele/a escreve e, desejavelmente, memoriza antes do evento, raramente improvisa como nas batalhas de MC`s), da voz e do corpo do/a poeta, quanto da relação com a voz, o corpo e as histórias do público que ouve (p. 13)

O Slam é, assim, um misto de manifestações culturais populares e midiáticas que se faz no espaço público, a partir de um coletivo ou visando a construí-lo. Slammer é um poeta, quase sempre um jovem estudante que se manifesta nas ruas e nas redes sociais, engendrando espaços de sociabilidade e de invenção cultural.

Embora já conhecido há algum tempo entre os estudantes, só mais recentemente, o Slam tem sido objeto de estudo pelos pesquisadores e profissionais da educação (DUARTE, VANZAN, BATISTA, 2020; PEREIRA, 2021). Entrou nas escolas há pouco tempo com a força de suas manifestações como uma reivindicação dos estudantes que falantes e ouvintes no espaço público desejaram ser protagonistas também dentro do espaço escolar. É de autoria do Coletivo Slam da Guilhermina que surgiu uma publicação que aponta para essa direção (Figura 3).



Figura 3 - Capa do livro Slam Interescolar-SP

Fonte: Coletivo Slam da Guilhermina (2021).

O Slam possível de ser compreendido, a partir dos conceitos de cidades rebeldes (HARVEY, 2014) e de cidadania insurgente (HOLSTON, 2008), abriga e potencializa expressões e debates sobre desigualdade social, racismo estrutural, machismo, homofobia e qualquer outra temática que fôr de interesse das comunidades criadas no espaço aberto e em aberto. São os mesmos temas que tratam das experiências de dor, de construção da subjetividade e da cidadania que aparecem nas escolas não em forma de poesia, mas comumente explodem em forma de violência por meio do *bullying*.

Paulina Turra, uma slammer, por meio da poesia, construiu a seguinte narrativa da qual destacamos alguns trechos que puderam se tornar públicos quando completou 19 anos:

*Agora eu tenho 19 anos, mas parece que eu só tenho 3  
porque foi só com 15 anos que eu me assumi gay.  
Gay não, sou sapatão,  
tem gente que me olha e faz essa confusão.  
Hoje em dia eu nem ligo, mas antes não era assim.  
Já tive que me disfarçar, fantasiar  
para esconder essa pessoa dentro de mim  
[...] Hoje em dia eu nem ligo, sou do jeito que eu quiser,  
o jeito que eu falo, que eu penso, que eu me movo,  
é meu jeito de ser mulher!  
[...] E vai ter gente falando que eu tô confusa,  
mas confuso é quem quer me dar beijo,*



*mas não beija porque se assusta.  
Eu beijo mina, bicha, diva, viada e sapatão.  
Eu não tenho lista de pré requisitos.  
Eu não tô atrás de um padrão.  
E se hétero quiser ficar comigo na balada,  
não é porque tá bêbado e a visão tá embaçada,  
é porque eu sou uma puta mina gata  
e de macho eu não tenho nada.  
Eu posso até ter falado muito,  
me embolado e falado demais,  
mas é que eu só comecei a falar  
três anos atrás (Slam Resistência, 2021).*

A slammer passou toda a sua educação básica lidando com dificuldades para se compreender e ser compreendida. Quantas horas passou na escola silenciando para si e para os demais a sua sexualidade que agora explode sem amarras? Quantos meninos e meninas estão hoje nas nossas escolas, nas nossas salas de aula, nas nossas disciplinas, realizando atividades propostas e até tendo bom desempenho, sem, contudo, esse universo educacional dialogar com as suas experiências de vida?

A arte e a cultura marcam a experiência humana e têm sido usadas para distinguir os povos e as civilizações. Têm sido usadas de maneira afirmativa para construir e impor padrões morais e estéticos. Mas guardam em si um caráter emancipatório por serem caminhos de expressão das diferenças. Promover, garantir e manter espaços de formação cultural no universo escolar é uma tarefa pedagógica e política, capaz de dirimir sentimentos e manifestações de ódio contra a diferença e a dissonância.

Aqui, brevemente mencionamos na nossa argumentação, uma exposição de um artista chileno e uma performance de uma atriz e dramaturga brasileira e as experiências de duas jovens slammers. Que espaços socioculturais e pedagógicos existem nas nossas escolas para que os alunos conheçam a arte e a cultura do seu bairro, da sua cidade, do seu país e tenham contato com os patrimônios culturais da humanidade? Que espaços socioculturais e pedagógicos existem nas nossas escolas para que todos conheçam as manifestações estéticas individuais e coletivas produzidas no contexto da comunidade escolar? Que espaços socioculturais e pedagógicos existem nas nossas escolas para que os que estão historicamente silenciados tenham a oportunidade de articular suas primeiras palavras de emancipação?



**Atena**  
Editora  
Ano 2022



**INSTITUTO  
FEDERAL**  
Mato Grosso



**FAPEMAT**  
FUNDAÇÃO DE AMPARO  
À PESQUISA DO ESTADO  
DE MATO GROSSO



**GOVERNO DE  
MATO  
GROSSO**



**Atena**  
Editora  
Ano 2022



**INSTITUTO  
FEDERAL**  
Mato Grosso



**FAPEMAT**  
FUNDAÇÃO DE AMPARO  
À PESQUISA DO ESTADO  
DE MATO GROSSO



**GOVERNO DE  
MATO  
GROSSO**